



Convicções, saberes e limitações: onde mora o belo da docência?

www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24870

O que passa em sua mente quando você imagina uma escola? Crianças correndo? Adolescentes conversando em rodinhas ou jogando um jogo? Talvez você imagine salas de aulas, repleta de cadeiras e alunos, professores, coordenadores e muitas provas. Provavelmente todas suas ideias estão corretas. Entretanto, hoje proponho a leitura da escola, ou melhor, da atuação na escola, a partir da visão de uma estagiária no ensino fundamental II. Realizei meu estágio supervisionado para ensino fundamental na escola Instituto Reis Magos, localizada no bairro Alecrim, em Natal. Apesar do bairro em que a escola está inserida ser conhecido como um dos centros comerciais da cidade, a porção do bairro que abriga o colégio é predominantemente residencial, conferindo aos arredores da escola um ambiente calmo, silencioso e familiar, destoando um pouco do caos que é a pouco mais de 800 metros, onde começam os camelódromos. Optei por estagiar em uma turma de 7º ano, abordando o Reino Plantae e, sinceramente, não fazia ideia do que me esperava. Durante o estágio, tive a oportunidade de aproximar-me dos alunos, fazer parte de suas rotinas, mesmo que por apenas quatro horas de

toda semana na escola. O relacionamento e vínculo com os alunos fluíram tão naturalmente que, quando percebi, já estava ouvindo relatos animados de como foi o final de semana ou comentários de como a vitamina do pai era muito boa e um dia eu precisava experimentar. Ter um bom relacionamento com meus alunos era uma das minhas expectativas, pois imagino que um bom vínculo com os alunos favorece o relacionamento professor-aluno e acredito que seja um fator importante durante o processo de ensino-aprendizagem. Sinto que cada aluno cativou-me de uma forma diferente e única. Além disso, ter um bom relacionamento com a supervisora também é de grande relevância. Não pude esquecer que estava me apropriando das aulas e da turma que ela era responsável, portanto as orientações e conselhos recebidos também fizeram parte do que considero como sucesso do meu estágio. Durante a graduação em licenciatura, iniciação científica e trabalhos lidei com diversos textos que abordam a prática docente e recentemente, ao ler Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, deparei-me com um trecho que causou tremenda inquietação em mim,



Jéssica Caroline Medeiros Silva

Futura professora, bióloga e apaixonada pela complexidade da vida.

Orientadora de Estágio: Prof^ª. Dr^ª. Aline de Moura Mattos

e pensei: por que não usar como reflexão acerca do que foi meu estágio e como cada parte desse trecho se relaciona com esse momento?

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos. (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*, 2013, p. 70)

Ao ler esse trecho, pude fazer uma retrospectiva do que estava vivendo em meu estágio e a primeira coisa que refleti foi como meus princípios influenciavam na minha prática docente, ou seja, assumir minhas convicções e a influência delas. A começar pelo planejamento. Ao planejar as aulas do estágio, busquei me aproximar daquilo que achei mais importante compartilhar com meus alunos, além disso, quais métodos eu poderia utilizar, aqueles que eu sentisse conforto e segurança em utilizá-los e que facilitasse a compreensão dos conteúdos pelos alunos. Essas escolhas dos métodos, aulas e assuntos não surgiram de repente. Ao estudar teorias da educação, metodologias e métodos, pude construir ao longo da trajetória como licencianda o que mais caracterizava a *Jéssica como professora*, ou seja, as escolhas

que fiz acerca do que mais me identifiquei começaram a fazer parte da minha identidade como docente, visto que influenciaria direta ou indiretamente na minha prática e o estágio era o momento de testar essas escolhas. Como estagiária e futura professora, também entendo que devo estar “disponível ao saber”. Interpreto esse trecho a partir de uma situação muito curiosa e peculiar vivenciada no estágio. Durante as aulas, os alunos foram bastante participativos, curiosos e comunicativos, porém, destaco a figura de Paulo. Paulo era o aluno que os colegas nomeavam de “sabe-tudo”. Em cada aula que tive oportunidade de realizar nessa turma, esse aluno trazia uma curiosidade sobre o tema. Como, por exemplo, ao falar dos frutos múltiplos, o aluno relatou o fato de ser possível plantar abacaxi a partir da coroa. Em outro momento, compartilhou uma curiosidade sobre as plantas carnívoras. “*Se todas as plantas fazem fotossíntese, as plantas carnívoras, que comem insetos, não?*”. Nesse momento, refleti o quão é importante estar aberta aos conhecimentos trazidos pelos alunos, suas curiosidades e opiniões. Dessa forma, o conhecimento se caracteriza por ser uma via de construção entre professor e aluno e não apenas uma via de transmissão do professor para o aluno. Ou seja, devemos reconhecer em nossa prática que o aluno é também uma fonte de conhecimento a ser desbravada e compartilhada. Portanto nesses momentos que o aluno decidia falar alguma curiosidade, sempre busquei compartilhar com a turma,



“O conhecimento se caracteriza por ser uma via de construção entre professor e aluno”

para que todos pudessem conhecer algo diferente, trazido pelo próprio colega. Durante a regência, também foi possível conhecer e vivenciar o encantamento de lecionar e “boniteza da prática educativa”. Aqui, destaco um dos melhores momentos do estágio: uma aula sobre as frutas, em que não utilizamos cadernos, livros, lápis, lousa ou pincel. Propus aos alunos que trouxessem frutos para que pudéssemos estudar as partes destes, de uma maneira mais descontraída e não olhando figuras nos livros. Nesse dia apareceu de tudo. Uva, melancia, maçã, laranja, tangerina e banana. Era uma verdadeira salada de fruta. Durante a aula, era perceptível a ansiedade dos alunos em abrir e comer as frutas. Para eles, talvez tenha sido a melhor aula por poder comer. Para mim, analisando a situação e refletindo sobre ela, só pude ficar encantada no fato de algo tão simples, trazer frutas para sala de aula, poder mudar completamente a dinâmica de uma aula e tornar o aprendizado muito mais significativo, ou pelo menos divertido.

Diante dessa situação, ao final da aula *entendi que podemos planejar ou idealizar e projetar, porém jamais conseguiremos imaginar o que de fato acontecerá em uma aula e é nesse desconhecido que mora a beleza de lecionar*. O retorno que os alunos nos proporcionam é como combustível para vencer desafios e planejar aulas que os envolvam.

Falando em desafios, o estágio é como a ponta de um iceberg e toda a parte submersa é composta pelos desafios que permeiam esse momento. O que os alunos veem é uma aula sendo realizada. O que eu como estagiária vi foram os planejamentos das aulas, os malabarismos para dividir bem o tempo em sala de aula, a busca em manter um bom relacionamento com os alunos, não me deixar abater pela falta de segurança em mim mesma, buscar metodologias facilitadoras para construir o conhecimento e até mesmo lidar com os diversos conceitos que a biologia e o conteúdo escolhido trazem, buscando formas de tornar compreensível aos alunos. Todos esses desafios enfrentados são pertinentes e não devem ser encarados como obstáculos, mas como combustível que nos move a melhorar, buscar a solução e com isso aprender. Tenho certeza que foram esses desafios que tornaram minha experiência de estágio única e sem eles, de que serviria o estágio então?

Sabemos que não existe uma fórmula pronta para seguir e se tornar professor, a verdade é que nossas pequenas experiências vão se acumulando e servindo como guia para entender a dinâmica da sala de aula, o que se pode fazer, qual a melhor forma de agir e principalmente entender que não somos detentores de todo conhecimento e não há problema nisso. Pelo contrário, como afirma Paulo

Freire, é necessário assumir nossas limitações e, em respeito a nós mesmo e aos alunos, não escondê-las. Reflito sobre isso no fatídico dia em que eu não soube responder uma pergunta de uma aluna. *“Damasco é uma drupa? Vi em algum lugar que se chama assim”*. Durante as aulas de preparação na graduação, nos é orientado que ao não saber responder uma questão, não devemos inventar ou fingir que sabemos. É necessário assumir o que não sabemos, afinal, somos humanos. Confesso que no momento que a aluna fez a pergunta, até busquei em minha mente se lembrava da classificação dos frutos, porém a solução foi sugerir que procurássemos sobre o assunto para na outra aula tirar a dúvida. Acredito que foi o melhor caminho para a situação, pois, primeiramente, reconheci minha limitação, em segundo, não escondi da turma minha limitação. Porém, não me acomodei e sim, busquei superá-la.

As limitações como professora podem surgir de diferentes formas como, por exemplo, planejar uma aula e não agradar a todos alunos. Ou não dispor dos mais avançados recursos para uma aula. Porém, mais uma vez, é necessário lembrar que não tem problema, são limitações a serem superadas. Acredito que no futuro posso lidar com turmas diversas, cada um com sua forma de aprender e agir nas aulas. Portanto, em momento algum posso me abater e achar que não sou capaz. Pelo contrário, é necessário buscar o caminho que abrace da melhor forma minha atuação e a aprendizagem dos alunos. No final, o importante é saber extrair um aprendizado das nossas vivências em sala de aula, sabendo que lecionar é uma metamorfose constante, rodeada de experiências que nos movem.

“Sabemos que não existe uma fórmula pronta para seguir e se tornar professor, a verdade é que nossas pequenas experiências vão se acumulando e servindo como guia”

